



O FRACASSO ESCOLAR A PARTIR DA INTERFACE ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

Ruth Helena Pinto Cohen

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

No presente artigo pretendemos abordar a problemática do fracasso escolar na interface entre a psicanálise e a educação. Este trabalho se desenvolveu a partir da experiência com “grupos de conversação” com docentes, em escolas do município do Rio de Janeiro, pois esse dispositivo constituiu uma importante estratégia para a discussão do problema e, conseqüentemente, para a formação dos professores. Orientados por essa interface, recortaremos momentos de nossa prática que revelam alguns caminhos trilhados ao longo de nossa pesquisa-intervenção.

Palavras chave: Fracasso escolar; Formação de professores; psicanálise.

SCHOOL FAILURE FROM THE INTERFACE BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION

Abstract

In the present paper we consider the influence of school failure in the interface of psychoanalysis and education. This work is based on our experience with “conversation groups” of teachers in public county schools in Rio de Janeiro. The “conversation group” has been an important strategy for discussing the problem and, as a consequence, for training teachers . Oriented by that interface we selected events of our experience that reveal some procedures we followed during our interactive research.

Key-words: School failure; Preparation of teachers; Psychoanalysis.

No livro “A lógica do Fracasso Escolar” voltamos nosso olhar para as questões que extraímos da *paidéia* grega, valendo-nos da metáfora da relação mestre e discípulo fornecida por Aristóteles e Alexandre o “Magno”. Lá concluímos que desde a Antiguidade era possível verificar que um mestre deveria ser versado em coisas da alma humana. Indicávamos que as faltas de Aristóteles, isto é, “seu fracasso” como educador, pois não conseguira transformar Alexandre em filósofo, foram compensadas por outra forma de saber. O aluno havia respondido de modo compensatório, sustentando e difundindo por seu vasto império as pesquisas daquele que lhe ensinava. À conquista do universal se seguiu a conquista do universo: o poder da razão e do intelecto foi sucedido pelo poder da coragem e da estratégia do guerreiro.

O que ficou evidenciado nesse recorte é que um verdadeiro mestre pode suportar um desejo diferente de seu ideal e da demanda social a qual está submetido. Se cuidar com respeito da dinâmica professor-aluno, uma produção diferente, mas tão importante quanto à esperada pelo âmbito pedagógico, pode aparecer com toda sua pujança e magnitude. Lembremos que a nomeação: Alexandre “o Magno”, adveio de uma aposta no potencial do pupilo. O grande mestre, frente à impossibilidade de educar o desejo de Alexandre deixou um caminho aberto para que chegássemos à ideia lacaniana de que o campo simbólico não engloba tudo: não se pode chegar à última palavra, ou seja, não se pode alcançar um saber sem que se leve em conta o desejo.

Na época de uma de nossa pesquisa de doutorado, finalizada em 2004, na qual buscávamos saber sobre possibilidade de haver ou não uma etiologia do fracasso escolar, ou seja, de localizar essa problemática no aluno, no professor, na escola, no método ou na política educacional, privilegamos a lógica do *indecidível*¹, desenvolvida pelo matemático austríaco Kurt Gödel, que foi de grande valia naquela etapa do estudo. A etiologia do

¹ A ideia-chave se baseava na teoria do matemático austríaco Kurt Gödel (1931). O famoso “Teorema de Gödel” define que uma proposição é indecidível quando nem sua afirmação, nem sua negação são demonstráveis em um sistema lógico.

fracasso escolar foi trabalhada como indecível, porque sempre fará parte de uma determinada contingência educacional, ou seja, não há uma verdade calculável, que possa dizer sobre as suas manifestações para todos. Não nos deteremos nessa hipótese, mas queremos enfatizar que o fracasso escolar dos alunos continua presente, o que pode ser constatado através das queixas e do alto nível de angústia dos professores.

Frente a esse desafio buscaremos trazer algumas reflexões e estratégias de trabalho, sobre o tema, a partir de experiências com educadores em escolas da cidade do Rio de Janeiro (Cohen, 2009), pois, as demandas se fazem presentes e advêm de impasses vividos por pais e educadores, ainda em nossa época.

Extraímos de nossas observações alguns limites que desafiam a educação e que são traduzidos, muitas vezes, pela impotência que inibe a tarefa educativa e, não raro, leva à formação do fracasso escolar nas escolas. Verificamos que, em algumas situações, este é a expressão de uma inibição temporária, tendendo a desaparecer com o manejo da relação professor-aluno. Em outras, ele parece traduzir a segregação vivida no espaço social. Nosso interesse neste artigo também inclui as políticas de educação pública que buscam dar um tratamento ao fracasso escolar e a lógica que alicerçam os projetos que visam minimizá-lo a partir da formação dos professores. Nessa vertente, não podemos deixar de apontar para uma questão que margeia e influencia essa reflexão: a educação informal ministrada pela família, transmissora dos bens e dos paradigmas do século XXI.

Testemunhos de uma prática

Os educadores com quem dialogamos, em nossos primeiros estudos de campo, foram, principalmente, professores e diretores de escola, cuja função era promover uma política de educação possível às instituições que pertenciam e dirigiam. Constatamos que estes, quando encarnavam os ideais da educação, em confronto com a subjetividade dos alunos, causavam tensões que muitas vezes resultavam em fracasso escolar, que se refletia neles próprios, no ensino, na escola e, por fim, no Estado.

Em 2005, após analisarmos a lógica de funcionamento de três escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, implantamos um projeto de pesquisa-intervenção denominado *Aleph*, tributário ao estudo empreendido durante a pesquisa de Doutorado (2004), acima referida. Da tese resultou um livro, em 2006, e a organização de outro que buscava dar um testemunho prático das ideias relatadas no primeiro. Neste discorremos sobre a experiência com as três instituições que fizeram parte do primeiro estudo. Estas foram revisitadas com a proposta de realizar uma conversação com os educadores, ampliando assim o universo da primeira pesquisa. A proposta era verificar a aplicabilidade de nossa hipótese sobre as causas do fracasso escolar serem indecidíveis. Nosso trabalho foi edificado e apoiado na ideia de que não podemos culpabilizar o professor, a escola, o método, a política educacional ou mesmo o aluno, pelo fracasso na tarefa educativa.

Sustentamos um estudo sobre a lógica formal em contraponto com a do inconsciente, sob a premissa de que é impossível precisar uma única causa do fracasso escolar, generalizá-la e dizer se é falsa ou verdadeira. Desta forma, não sendo possível localizar a verdade sobre o que gera essa problemática, fez-se uma aposta, uma escolha. A etiologia do fracasso escolar é indecidível porque sempre fará parte de uma determinada contingência educacional, ou seja, não há uma verdade calculável, que possa dizer sobre as suas manifestações para todos.

Através desse *nort* queremos enfatizar que o educando ao tentar responder a demanda do educador, oferece também o ineducável, o mais íntimo de sua subjetividade, que pode se escrever pela via do fracasso. Consideramos que o processo pedagógico se depara com o impossível - desejo inconsciente - o que não significa que a transmissão de saber esteja submetida a uma intransponível barreira à educação. O que se impõe como ineducável, pois diz respeito ao que não se domina pela via do simbólico, pode ser viabilizado por um possível encontro entre educadores e educandos.

Seria isso uma utopia atual? Haveria uma maneira de fomentar a formação de um professor “ensinante,” pautada por uma dialética que incluía aquele que ensina como alguém que aprende com seus alunos e compartilha as responsabilidades inerentes ao processo educativo?

Apostamos na hipótese de que quando se escuta a palavra do professor, sua formação docente vai além da capacitação cognitiva, ou seja, acreditamos que um sujeito desejante de ensinar pode advir se compartilhamos um espaço coletivo de reflexão, onde se testemunham os impasses e problemas referentes à ação educativa. Nas trocas sobre o educável e o ineducável indicado por Freud e traduzido por Lacan como impossível e necessário, podemos apostar e construir um saber-fazer docente. Quanto ao aluno, conseqüentemente, conseguirá saber dizer e fazer escutar sua palavra, encontrando uma causa justa que o leve à escola.

Nossa experiência: o espaço da conversação

Foi a partir dessa ideia que em 2005, apostamos na experiência de tecer laços com psicanalistas e educadores e propusemos a criação de espaços de discussão que pudessem tratar o fracasso escolar de forma *contingente*. A equipe do projeto *Aleph* estendeu sua ação do campo da pesquisa e se encaminhou também para a intervenção. A metodologia foi baseada na conversação com os educadores de cada escola, nas quais havíamos feito estudo de campo, entendendo-se por educador qualquer profissional que tivesse contato com as crianças (merendeira, professor, diretor, garis...). Segundo Santiago (2007) o dispositivo da conversação tem na "associação livre coletivizada" um ponto forte de sustentação, pois ela permite que o "objeto de estudo" seja trabalhado partir de uma multiplicidade de significantes.

Como consequência dessa intervenção foram produzidos relatórios, cuja análise realizada pelo grupo de pesquisa, objetivou averiguar as incidências do fracasso escolar que, para as instituições de ensino, eram identificadas como defasagem idade e série, repetência e evasão escolar. Buscávamos saber sobre o que era para cada educador era considerado fracasso escolar e como juntos, na interdisciplinaridade, poderíamos produzir saídas seguindo os rastros deixados pelos atos educativos que "falhavam". Se o ato falho, o sintoma, a inibição são tão caros à psicanálise, porque não acolher o que rateia e seguir a associação livre e coletiva dos educadores que ao tomarem a palavra tentam desatar alguns nós da educação? Apoiada nessa lógica de funcionamento, nossa equipe apostou em fazer

novas formas de amarrações, criando laços inéditos com os educadores, sem deixar de incluir nessa tarefa a singularidade dos mesmos.

Extraíndo consequências

Propomos, então, uma psicanálise aplicada ao tratamento do real na interseção que se mantém entre ela e a educação. Buscamos extrair consequências da prática de conversação, que realizamos através dos doze encontros com educadores, com pelo menos um representante de cada seção da instituição de ensino, ou seja: da direção, da classe docente, do setor administrativo e de serviços gerais. Supomos que todos influenciam a dinâmica escolar e, portanto, podem ser colocados no conjunto dos educadores. Nessa vertente trabalhamos as tensões existentes entre educável e ineducável, presentes em toda aprendizagem.

Tratava-se de uma aposta na palavra e na possibilidade de escutar e ser escutado. Desta forma buscou-se indicar a responsabilidade de cada educador na solidão de seu discurso, ou como nos ensina Barthes (1973/1987, p. 14) “... um estado muito sutil, quase insustentável, do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece, no entanto, legível.”

A ideia-chave era tecer laços possíveis entre os educadores e criar espaços de reflexão que visassem tratar o fracasso escolar de forma *contingente*. Sabemos, com Freud, que um projeto educacional não pode servir para todos, é necessário que se adéque ao sujeito educador e ao sujeito educando, pois se não são incluídos no processo, algo escapará à simbolização, como um *ato falho*. Aprendemos com a psicanálise que o fracasso do recalque revela o material inconsciente, e apostamos que o fracasso escolar também pode fornecer pistas sobre o que impede o acesso ao saber e isso tem consequências políticas. Entendemos com Barthes (ibidem p.54) que: “a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação, redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia”.

Constatamos que a interpretação dada ao fracasso escolar por algumas escolas, de nossos estudos de campo, remetia os educadores às demandas atuais da educação formal. Em cada escola, encontramos uma interpretação específica do fracasso escolar, ou seja, os professores referiam-se a sua própria relação com o ideal educativo. Em uma delas, a responsável pela direção deu-nos a oportunidade de observar a lógica de funcionamento de seu trabalho. A dinâmica da orientação empregada por ela se explicitou nas funções substitutivas parentais que encarnava. Muitas vezes, ocupava o lugar da lei, legislando e envolvendo-se diretamente nas questões disciplinares, chamando para si a responsabilidade de resolver todos os problemas que ocorriam na escola. Do material de higiene à briga entre crianças, tudo se resolvia na sala da direção. Esse “Outro” da educação se fazia extremamente presente e o “saber tudo” lhe era atribuído, sobretudo pelos alunos, que pareciam ocupar o lugar de “filhos”? hipótese aventada em função dos constantes cuidados com as crianças, uma espécie de maternagem que se alternava com um agenciamento da lei, provocando nos alunos uma necessidade de atenção constante. Pareceu-nos, assim, sobrar pouco espaço para o professor se responsabilizar por sua tarefa.

Concordamos com Freud (1914/1996.) sobre a importância da figura do professor como fundamental para o aprendizado do aluno e, em 1932, na conferência XXXIV, quando indica que os professores, podem ocupar o lugar de substitutos parentais e a escola, assim como a família, busca responder às demandas de sua época. Como consequência, alunos e professores podem tornar-se objetos produzidos para atender a esses imperativos.

No que concerne à formação do professor, aumentam vertiginosamente as exigências quanto às suas habilidades tecnológicas, precisam saber fazer com o *modos operandi* da sociedade com seus *gadgets*. Com isso novos projetos pedagógicos se impõem e uma enorme preocupação surge em não reprovar os alunos. Como consequência, encontramos sinais de angústia no depoimento de muitos educadores que se mostravam desamparados em face à demanda irresponsável de acelerar a aprendizagem das crianças com fracasso escolar. Terem sido capacitados a lidar com esse tipo de problema os levava, paradoxalmente, a sentirem-se impotentes em sua tarefa e a questionar o que seria uma capacitação eficaz para tratar o fracasso escolar do aluno.

Valendo-nos das obras de Freud e Lacan, lembramos que a gênese da dimensão ética sobre a qual a educação se edifica se enraíza no desejo, premissa que, aliás, justifica nosso interesse pelos depoimentos dos educadores. Uma rede se forma quando, intervindo no desejo do educador, algo se produz no desejo do educando e atinge, de forma indireta, a família e o Estado. A orientação lacaniana ensina que se deve incluir o material inconsciente e o impossível real em toda ação educativa, seja ela formal, ministrada pela escola e pelo Estado, ou informal, no âmbito familiar.

No espaço da conversação um professor declara:

“É só mudar o governo, mudam os projetos educacionais também. Nem bem se aprende a trabalhar com um programa, tudo se modifica. Temos que nos adaptar sempre a um novo programa. Como ficam os professores diante de tantas capacitações se não há tempo para compreender nem assimilar as modificações políticas e pedagógicas?”

Para ele, os projetos sempre dispõem de um material riquíssimo que não conseguem usar adequadamente, pois “se atrapalham”. Eles são treinados sem consulta prévia, ou seja, se sentem perante seus alunos cada vez mais desautorizados tanto pela sociedade civil quanto pela política educacional vigente. A essa constatação se juntam queixas sobre a falta de estrutura, apoio administrativo e serviços gerais. Espera-se que o professor tenha sucesso na aprendizagem, cabendo ao aluno a tarefa de responder aos objetivos do conteúdo programático.

Outro ponto foi destacado nas falas dos educadores sobre a elaboração dos currículos. Estariam estes adequados aos interesses dos alunos? Por certo, o simples fato de pertencerem à outra geração, os adultos que elaboram o conteúdo programático se distanciam da série para a qual é definido o currículo. Não queriam dizer que os próprios alunos poderiam escolher o que aprender, mas que deveriam ser ouvidos assim como eles, que são instrumento de transmissão da mensagem pedagógica.

Examinamos, *a posteriori*, o alcance obtido pelo trabalho de intervenção feito em 2005 e comprovamos alguns resultados alcançados, cujo principal objetivo era mobilizar os educadores, das três escolas pesquisadas, a criarem novas saídas e invenções para as diferentes faces do fracasso escolar. Esses resultados foram viabilizados, na contingência dos encontros e a partir da análise da lógica de funcionamento de cada escola, que não será neste artigo demonstrada, já que publicamos esses dados em 2006. O que conseguimos recolher de nosso trabalho foi a predominância de alguns dos quatro discursos instituídos por Lacan (1969), extraídos dos relatórios que registravam cada encontro. Descobrimos que era possível discutir e modificar a política educativa que sustentava aquelas escolas, analisando os fatores impeditivos que transformavam o impossível de educar em impotência para os educadores. Concluímos que houve mudança na relação educador/educando, educador/escola, educador/família, a partir de nossa intervenção, através das avaliações dos educadores e de nossa equipe, que se viu também transformada pela experiência, já que vivenciou a psicanálise aplicada à instituição escolar. Esses resultados foram analisados à luz da avaliação feita no 12^o ² encontro, com cada escola, quando recolhemos de nosso percurso a constatação de que havíamos construído um espaço importante para a fala e troca de experiências. Além desses dados, fizemos análise e discussões dos relatórios, escritos por nossa equipe, que nos serviram de bússola para minimizar os impasses do processo. Verificamos que o não saber, o que fazer com os alunos ou com as políticas que emperravam as ações educativas, encontrava saídas possíveis quando os educadores podiam falar e escutar os colegas. De alguma forma diziam que isso só era possível pela entrada da equipe externa ao ambiente, referindo-se a nossa “extimidade”, ou seja, o fato de estarmos fora e dentro da escola, facilitando o processo de responsabilização e encaminhamento prático de suas rotinas. A ideia de que nossa oferta – criar grupos de conversação, na interface entre psicanálise e educação – atendia a uma demanda necessária de repensar as etiologias do fracasso escolar parecia viável, apesar dos inúmeros impasses durante a implantação do trabalho.

² Além dos 10 encontros de conversação foram realizados mais dois: um para apresentação da proposta e outro, no final, para avaliação do trabalho.

Constatamos que só foi possível realizar esse trabalho a partir da lógica contingente³. Como consequência do dispositivo, testemunhamos que a uma nova política educativa se inscrevia, pouco a pouco, naquelas unidades de ensino.

Dentre as consequências extraídas e já publicadas, podemos destacar que alguns alunos passaram a ser escutados pelos educadores fora da classe escolar, outros modificaram sua didática, a partir da lógica de funcionamento de alguns grupos específicos e, uma escola se propôs dar continuidade à conversação, mesmo na nossa ausência. Não podemos deixar de registrar que a intervenção das merendeiras, garis e porteiros serviram de ajuda à compreensão de como se pode transmitir a lei educativa, desde o momento em que se entra na escola, até aquele em que se oferece uma refeição às crianças. Supomos que o educador, nas conversações, pode identificar o que constitui o motor de seu trabalho e a causa de seu desejo de ensinar e aprender.

Para finalizar esse breve relato, sobre o que possibilitaria algumas saídas à formação do professor, indicamos o caminho já trilhado por nós como proposta de repensar as etiologias do fracasso escolar. Pensamos que o espaço de conversação pode dar voz aos educadores, em qualquer instituição de ensino e, assim, através das possibilidades criativas das escolas escutar o que têm a dizer e buscar na interdisciplinaridade enfrentar os impasses educativos. Quanto ao psicanalista, nesse contexto, cabe ultrapassar os limites de seu consultório e estender seu trabalho à cidade lado a lado aos os profissionais da educação.

E hoje, o que dizer da educação?

Na era das redes sociais podemos ouvir a voz de um povo que vai às ruas e pensar que a força que move o desejo está viva e o poder e o saber ao alcance das mãos de cada brasileiro. Se por um lado a segregação, a que a maioria dos estudantes da rede pública de ensino está submetida, promove uma mensagem que, cada vez mais, o desejo de “ter” toma o lugar do “saber”; por outro, o que estava

³ A etiologia do fracasso escolar é *indecidível*, porque sempre fará parte de uma determinada contingência educacional, ou seja, não há uma verdade calculável, que possa dizer sobre as suas manifestações para todos.

adormecido, reprimido, recalcado em cada jovem emerge e faz das redes sociais uma nova forma simbólica de organização. Apesar da inesperada reação dos brasileiros, evidenciada pelas passeatas de julho de 2013 em todo o país, principalmente pelos jovens, ainda há indução, sobretudo pela mídia televisiva, de que a educação pode ser um bem de consumo universal, uma promessa de satisfação generalizada. Com isso queremos indicar que algumas profissões são escolhidas em função do mercado financeiro, das novas formas de lucro imediato. A sobrecarga de informações, por sua vez, provoca uma demanda de *aceleração*, submetida à égide do famoso “tempo é dinheiro.” Desta forma impõe-se a ideia de nivelar sujeitos pelo consumo, que se estende ao campo educativo, através da proliferação de projetos especiais, destinados a erradicar o fracasso escolar, mas que só o aceleram. Esta constatação aparece no depoimento de professores, acerca da constante e incômoda troca de programas e projetos pedagógicos, já que não há tempo para assimilar e aprender a lidar com uma determinada estratégia educacional, pois logo surge outra. Os novos paradigmas que orientam nossa sociedade capitalista, tais como o individualismo excessivo, os efeitos da globalização, encontra ressonância nas ideias de Baumann (2004)⁴ sobre a passagem da modernidade “pesada” para a “líquida” e a atual ética do consumo. Mesmo nesse contexto acreditamos que: a palavra ainda tem força política, que é capaz de produzir mudanças e modificar o *status quo* de um sistema educacional que se vê desamparado. Trata-se de agir a partir de uma lógica de funcionamento diferente do modelo aristotélico do homem como um “animal político”, apostando na “formação humana” que inclui o saber inconsciente atravessando o laço social. (Cohen, 2009, p.76)

O texto apresenta um modo de compreender o fracasso escolar com base na psicanálise e propõe, entre outros aspectos, que “grupos de conversação” possam constituir uma estratégia importante para a discussão do problema e, conseqüentemente, para a formação de professor.

⁴ Modernidade pesada, segundo Bauman, diz respeito a sociedade totalitária, característica de uma época enquanto que a Modernidade Líquida, é individualizada e fluida e não-estruturada.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. 1973. **O Prazer do Texto**. Editora Perspectiva. São Paulo. SP. 1987

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

COHEN, R. H. P. 2004 Tese de doutorado: **O impossível e o necessário da educação: sobre a etiologia do fracasso escolar**, IP-UFRJ, apoio CNPQ.

_____ 2006. **A Lógica do Fracasso Escolar: psicanálise & educação**. Contra Capa R. J.

_____ 2009. Projeto Aleph: testemunho de uma prática. Em Cohen R.H.P.(org) **Psicanalistas e Educadores: tecendo laços**.RJ:Editora WAK.73-9.

FREUD, S. (1914) Sobre la psicología del colegial. Em: **Obras completas**, vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____ (1932) Esclarecimientos, aplicaciones, orientaciones: conferencia XXXIV. Em: **Obras completas**, vol. XXII.. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

LACAN, J.(1969-70) **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,1992.

SANTIAGO, A.L. 2008. O mal estar na educação e a conversação como metodologia de pesquisa: Intervenção em psicanálise e educação. Em Rabello de Castro e Lopes Besset (orgs). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude RJ**: Editora Nau e Faperj, 113-131